

VAMOS DEIXAR A BAIXA DOS SAPATEIROS MORRER?

O tempo passou e a Baixa dos Sapateiros não acompanhou a história. Com passado rico e comércio efervescente, região abrigou cinemas, lojas grandiosas e já foi um grande centro de circulação de soteropolitanos. A avenida responsável por tornar a Bahia mais famosa, vive uma morte lenta enquanto as autoridades assistem seu desgaste sem fim. O que o futuro reserva?

Págs. 4 à 7

Artigo

FUTURO DA BELEZA NEGRA

Por **James Martins**
james.martins@metro1.com.br

Por causa da pandemia de coronavírus, o Ilê Aiyê fará (se conseguir) pela primeira vez a Noite da Beleza Negra de forma exclusivamente online. O bloco comandado por Vovô está se articulando para que a 42ª edição do evento aconteça ainda durante o verão. Assim, as pretensas sucessoras de Gleicy Ellen já podem ir se preparando em graça, ginga e atitude, pois o concurso de beleza que teve início em 1975 ou 76 tem critérios que não são os de uma mera disputa de miss. Focado em gerar confiança e reconhecimento nas mulheres negras, o título de Deusa do Ébano é uma vitória em si mesmo, até para quem não participa. “Era um problema pra gente até mesmo achar uma gravura para os trabalhos escolares de Dia das Mães, pois eram todas brancas”, rememora Sérgio Roberto, ex-diretor do Ilê que batizou, em 79, o concurso de rainha da agremiação com o altissonante Noite da Beleza Negra.

Mas, por falar em datas, há uma controvérsia que envolve a história da festa. Duas mulheres reivindicam para si o pioneirismo entre as deusas (ou rainhas). Seguinte: todo mundo sabe que a música que lançou o Ilê Aiyê é de Paulinho Camafeu (“Que bloco é esse? Eu quero saber...”), mas a primeira música a vencer um concurso do bloco foi “Olorum Bafafé”, de Jorjão — hoje consagrado percussionista, rebatizado Jorjão Bafafé graças ao sucesso da canção. Acontece que o compositor, naquele



1975, trabalhava embarcado e estaria em alto mar bem no dia do festival. Assim, quem defendeu a música foi sua irmã Jacira. E não teve pra ninguém! Até aqui, sem polêmicas. Acontece que ela

garante que, naquele mesmo ano, disputou também a competição para rainha do afro. E ganhou.

Essa versão está referendada, por exemplo, na dissertação de mestra-

do de José Francisco de Assis Santos Silva, “Pra te lembrar do Badauê...? — O Mensageiro da Alegria em uma viagem pelos Lonãs Iyê (caminhos da memória) do mar azul - espaço, tempo e ancestralidade”, de 2017, aprovada pela Universidade Federal da Bahia. Mas o próprio Ilê conta uma história diferente, onde a premiação só teve início em 76 e foi vencida por Mirinha (Maria de Lourdes Cruz). No documentário “A Outra Face”, de Val Benvindo, é assim que o lance surge. “Dizem que eu sou a Deusa mais linda. Eu estava bem simples, mas talvez isso que chamou a atenção”, conta Mirinha, como pioneira, no filme que é baseado no Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo de Val, também pela Ufba.

E agora? Quem é, de fato, a primeira Deusa do Ébano? Para evitar polêmica, talvez o título devesse ser dado a Mãe Hilda Jitolu, por sua primazia natural. E fim de papo. Ou então a Dete Lima, que faz a preparação das deusas desde o início e ainda hoje. Ou quem sabe Arany, por tudo o que representa. Seja como for, rainhas e deusas são todas elas, inclusive as que não venceram o concurso. E podemos até mesmo estender às que nunca o disputaram. Por isso, pela transformação que promove, colaboremos para que o Ilê Aiyê consiga realizar com sucesso mais uma Noite da Beleza Negra. Será, com certeza, mesmo com distanciamento e pandemia, “a mais odara desse verão”, como está no convite da segunda edição. Um universo de beleza...

Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Editor **Matheus Simoni**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész**

Editor de Arte **Paulo Braga**
Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **Gabriel Amorim, Geovana Oliveira e Matheus Simoni**
Revisão **Matheus Simoni**

Comercial (71) 3505-5022
comercial@jornaldametro1.com.br

Jornal da
Metrópole
Grupo Metrópole
Rua Conde Pereira Carneiro, 226
Pernambúes CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000

**AQUI
TEM SEU
IPTU**

HOSPITAL MUNICIPAL



**AQUI
TEM SEU
IPTU**

DISTRIBUIÇÃO DE CESTAS



**AQUI
TAMBÉM
TEM**

HIGIENIZAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS



**PAGUE A COTA ÚNICA EM FEVEREIRO,
ATÉ O VENCIMENTO, COM 7% DE DESCONTO.**

Seja nas grandes obras, nas pequenas ações ou no combate ao coronavírus, seu IPTU está sempre presente onde a cidade mais precisa. E pra continuar se transformando, Salvador conta com você.



SALVADOR
PREFEITURA

PRIMEIRA CAPITAL DO BRASIL

CIDADE

UMA AVENIDA NA UTI

Histórica para Salvador, Baixa dos Sapateiros amarga momento de abandono e luta contra esquecimento do poder público

Salvador

Texto **Gabriel Amorim**
gabriel.amorim@radiometropole.com.br

“Chegamos a ter 15 funcionários. Na época de Natal tínhamos que contratar gente extra. O movimento era tão grande que não dava para fazer o caixa no mesmo dia, tinha que levar os documentos para casa para poder fazer. Trânsito parado, rua cheia de gente”. O depoimento é do comerciante Ivo Fucs, 82 anos, mas ao contrário do que possa parecer, não conta do movimento de vendas em algum shopping center da cidade. As lembranças viajam mais longe para a época em que a Baixa dos Sapateiros fazia parte do principal centro de compras de Salvador. “Era um shopping a céu aberto, agora fica só a lembrança”, diz.

Para Seu Ivo a vida profissional não teve outro endereço. Foram 54 anos de vendas na avenida famosa. No final do ano passado, o comerciante decidiu fechar as portas da conhecida Loja Cecy. “Foram anos maravilhosos que dificilmente voltarão, tempos em que a Baixa dos Sapateiros tinha muito movimento. Uma rua que chegou a ter duas mãos de trânsito, cerca de 600 lojas. Vivi

minha vida inteira na Baixa dos Sapateiros e nas épocas boas não posso reclamar. Lembro de Natais em que tivemos que mandar cliente embora porque dava 23h e a loja tava cheia. Agora, a Baixa dos Sapateiros está na UTI”, lamenta.

Há quase três anos, o **Jornal da Metrópole** fez uma série de reportagens para denunciar as condições em que se encontrava o lugar. De lá para cá, para quem trabalha na avenida, pouca coisa mudou. “O espaço não tem público, não tem atrativo, lojas âncoras que tragam as pessoas, além da dificuldade de acesso, de linhas de ônibus que foram extintas”, comenta Fucs enumerando algumas das razões que o fizeram decidir encerrar as atividades da loja que se especializou em vender artigos de bebê - de móveis a roupas. Meses depois, a pergunta volta: a Baixa dos Sapateiros vai morrer?

**Lojas fecham
e avenida
já não é a
mesma**



arquivo pessoal/mario kertes

ANTIGO RIO, LOCAL GANHOU RELEVÂNCIA

A importância histórica da Baixa dos Sapateiros é inegável. “A primeira avenida de vale de Salvador foi a Baixa dos Sapateiros e, com o passar do tempo, uma série de equipamentos para melhorar o acesso foram sendo feitos” explica o historiador Rafael Dantas, citando modernidades que a Baixa usou com pioneirismo, como os tais bondes, uma tecnologia de ponta desde 1871. Antes de ser avenida, era um rio. A região era centro do

primeiro espaço de povoamento de Salvador. “O primeiro núcleo de povoamento da cidade, lá no século XVI passa por aquela região. Onde hoje a gente encontra a Baixa dos Sapateiros, o que se tem é uma região de vale, de rio, por onde passava o antigo Rio das Tripas, o rio onde eram despejados os restos de animais dos açougues do centro da cidade. Aquela região, desde lá, é entendida como uma região estratégica, de divisa”, explica Dantas.

arquivo pessoal/mario kertes



BAIXA DOS SAPATEIROS FOI PERDENDO ESPAÇO COM O TEMPO

A obra que tamponou o rio criando a avenida e permitindo a passagem de veículos começou a acontecer já em 1851. A pavimentação veio apenas em 1860. No século XX outras importantes obras de modernização são feitas pelo então governador baiano J.J. Seabra, que passa a nomear a avenida

- um nome que nunca pegou. Já a fama de bom lugar para comprar foi, segundo Rafael Dantas, passando por etapas. A partir das décadas de 50 e 60, a Baixa dos Sapateiros começa a ser lembrada pela característica de um comércio mais popular. A perda do prestígio como espaço de compras foi impulsionada,

ainda, por um movimento de mudança na cidade. “É algo que se acentua ao longo das décadas de 70 e 80 quando o eixo político e financeiro muda do Centro Antigo para a região da Tancredo Neves e do Iguatemi”, explica Rafael. A chegada dos shopping centers vai, então, modificar de vez a dinâmica de compras.

600

lojas eram espalhadas pela região da Baixa dos Sapateiros, mas quadro mudou



arquivo

“DAVA PRA ACHAR DE TUDO”: COMÉRCIO FORTE NA BAIXA

A inauguração do antigo Shopping Iguatemi - atual Shopping da Bahia - em 1975 foi um marco na modificação do costume de compras da cidade. Existem aqueles, no entanto, que nunca deixaram de lado o hábito de comprar na Baixa. “Lá tinha muita coisa, dava para achar de tudo, e com o preço bem mais em conta, era comércio popular mesmo”, lembra a aposentada

Esmeralda Araújo, 88 anos.

No ano passado, foram entregues obras na Rua Cônego Pereira e a revitalização do Mercado de São Miguel, uma das principais feiras da área. A reportagem buscou o prefeito Bruno Reis para saber dos planos da nova gestão para a Baixa dos Sapateiros, mas não teve respostas até o fechamento deste texto.

Se ainda não se sabe o que o

futuro reserva depois de tantas mudanças é impossível negar o quanto de história já passou pela rua que Carmen Miranda imortalizou.

“Ao longo de todo esse tempo, foram muitas mudanças. Desde uma via onde passava o Rio das Tripas, até se consolidar como local habitacional, de comércio, um lugar de muita história”, finaliza Rafael Dantas.



arquivo pessoal/mario kertes



pedro moraes/govba

MOBILIDADE VIROU GARGALO PARA AVENIDA

Para além das obras, a mobilidade é outra questão que atrapalha. Segundo a Secretaria de Mobilidade de Salvador (Semob), atualmente, 13 linhas permaneceram atendendo esta região. Além destas em funcionamento, outras cinco estão suspensas em razão da pandemia. Para a Semob, uma possível sensação de falta de opções

pode estar relacionada a uma mudança necessária na forma de se organizar o transporte público na cidade. “A gente não pode tratar a mobilidade urbana hoje da mesma forma que se tratava há 20, 30 anos atrás. Antigamente as pessoas passavam horas em um ônibus para chegar em seu destino”, explica o secretário Fabrizzio Muller

**13 linhas
atendem à
região da
Baixa dos
Sapateiros**

SEMOB QUER REVER SISTEMA

Segundo a pasta, atualmente cerca de 85% do uso do transporte público na cidade é feito através dos cartões de integração disponíveis.

Para o futuro, no que diz respeito à mobilidade, mudanças podem chegar. A nova gestão da pasta pretende realizar um estudo completo que inclui, portanto, a Baixa dos

Sapateiros.

“A Semob fará um trabalho de planejamento e revisão do atual sistema de transporte público oferecido na cidade, verificando caso a caso, tanto linhas que foram retiradas quanto linhas que precisem de novas programações”, diz a pasta em nota enviada ao **Jornal da Metrópole**.

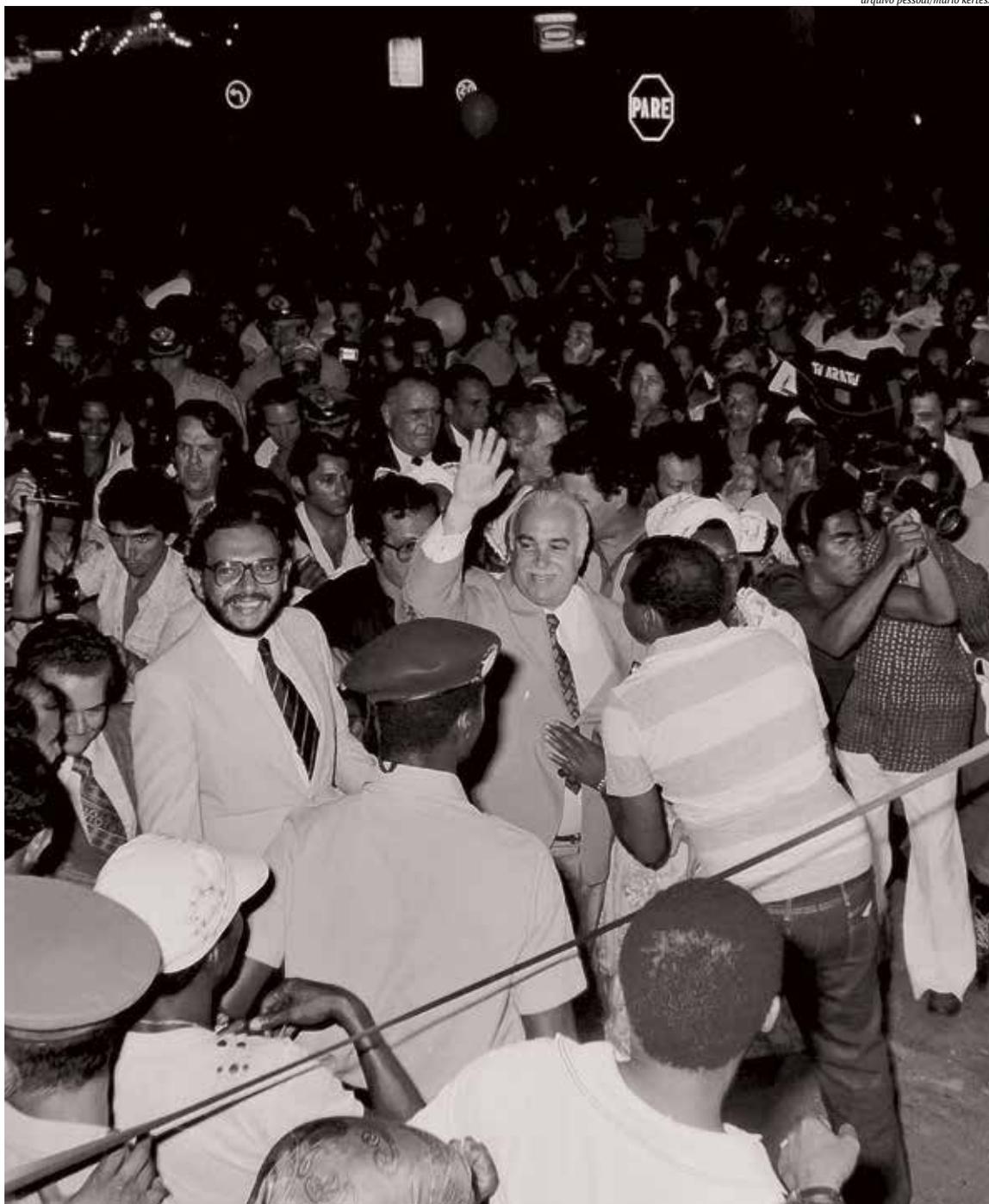


arquivo pessoal/mario kertes

CULTURA DEU SAMBA NA BAIXA

Além de ser sinônimo de comércio bom e barato, para o mundo a Baixa dos Sapateiros também é símbolo de cultura. “Na Baixa dos Sapateiros encontrei um dia, a morena mais frajola da Bahia”. Além de cantar a Bahia, o samba imortalizado por Carmem Miranda, e composto por Ary Barroso sem mesmo conhecer a rua, fez famosa uma das vias mais anti-

gas de Salvador. A presença na música chama atenção para um aspecto talvez esquecido da Baixa dos Sapateiros, que foi, também, berço cultural. “Estar na música mostra muito a relevância desse lugar para cidade, do ponto de vista da sociabilidade, das relações comerciais, entre tantas outras facetas importantes”, avalia o historiador Rafael Dantas.



arquivo pessoal/mario kertes

DO JANDAIA AO TUPY: O CINEMA EM ALTA

No início do século XX, o cinema Jandaia, na Baixa dos Sapateiros era um dos principais palcos da cidade para apresentações importantes. “O Jandaia chegou a receber companhias de fora, de dança, de música que vinham de fora para se apresentar. Era uma casa de alta categoria. Um teatro e cinema de luxo. Quando vinham turnês estrangeiras para cá era no Jandaia que se apresentavam”, lembra o jornalista Nelson Candena.

Durante anos, as salas de exibição do Jandaia foram a única opção de cinema de rua do estado, que além de filmes mostrava apresentações ao vivo. Segundo os historiadores, o lugar começou a perder prestígio na década de 80 com o surgimento dos cinemas de shopping. Em 2015, o prédio do Cinema Jandia foi tombado pelo governo do estado. Além dele, a Baixa dos Sapateiros teve ainda o Cinema Pax e o Tupy, também responsáveis

por movimentar a cidade. Agora, o aspecto cultural fica só na memória de quem viu os cinemas lotados, mas ajuda a perceber que a importância da Baixa dos Sapateiros vai além do aspecto comercial. A rua foi, afinal, uma das responsáveis por tornar a Bahia famosa. Como diz a música que leva seu nome, uma Bahia inesquecível, e que “não sai do pensamento”.

80

foi a década com efervescência cultural na Baixa dos Sapateiros

VOZES DA LINHA DE FRENTE: AS PRIMEIRAS VACINAS

100 MIL

baianos já
receberam
a vacina
contra a
Covid-19

Profissionais de saúde contam o misto de sentimentos com a chegada da vacina e a expectativa para o fim da pandemia de coronavírus

Vacinação

Texto **Geovana Oliveira**
geovana.oliveira@metro1.com.br

No dia 17 de janeiro, dia do Senhor do Bonfim, enquanto a imagem de Santa Dulce dos Pobres deixava o santuário em Salvador, a primeira brasileira foi vacinada contra a Covid-19 em São Paulo. Dois dias depois, em cerimônia realizada no Hospital Santo Antônio, das obras sociais da mesma Irmã Dulce, foi a vez dos primeiros baianos receberem a vacina Coronovac. “Uma dose de esperança”, define o médico socorrista Elmar Dourado. Desde então, mais de 100 mil baianos já receberam a vacina. Destes, a maioria expressiva é de profissionais da saúde que trabalham na linha de frente contra o coronavírus. Eles sabem que o imunizante não vai melhorar o cenário da pandemia imediatamente - segundo o infectologista Fábio Amorim, existe inclusive a chance de a vacina dar uma

“falsa sensação de proteção” e elevar ainda mais o número de casos. Mas após dez meses de trabalho exaustivo, não há como conter a alegria de receber a vacina. “Eu morro de medo de tomar injeção, mas estava ansiosa para tomar essa”, brinca a técnica de enfermagem Cristiane Galvão, plantonista na UTI do Hospital Ernesto Simões.

Nesses meses de pandemia, ela desenvolveu uma hipertensão, chegou a trabalhar 6 horas seguidas sem poder beber água, se alimentar ou ir ao banheiro, perdeu colegas para a Covid-19, e viu outros se afastarem com sequelas psicológicas, além de acompanhar as mortes de pais, mães e filhos de outras pessoas.

“Foi a pior sensação que tive na minha vida até hoje”. Por isso, no último domingo, quando Cristiane foi vacinada, não importava se gostava de agulhas ou não. Ela conta que uma amiga perguntou se o processo dói, ao que respondeu: “Dói menos do que ver gente morrendo”.



divulgacao

SR Clínica Odontológica
Dra. Silvânia Rocha
cuidados que fazem a diferença

**ONDE VOCÊ VÊ
UM PROFISSIONAL,
EXISTE UMA EQUIPE
DE ESPECIALISTAS.**

**CLÍNICO GERAL,
CIRURGIA, DENTÍSTICA,
DTM, ENDODONTIA,
ORTODONTIA, ODONTOPEDIATRIA,
PERIODONTIA E PRÓTESE**

71. 3052-1880



RESPONSÁVEL TÉCNICO: DRA. SILVÂNIA ROCHA, CBOBA 14011



MALU FONTES

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e colaboradora da Rádio Metrôpole

O CUSTO BRASÍLIA E O LEITE CONDENSADO

Uma fotografia em que aparecem, vistas de cima, as mansões onde moram, bancados pelo poder público, pelo contribuinte, os presidentes do Senado e da Câmara, foi publicada há uma semana na capa da Folha de S. Paulo. O propósito era ilustrar tudo o que está em jogo, inclusive as benesses, quando se fala na disputa no Congresso Nacional pela presidência das duas casas, até aqui comandadas por Rodrigo Maia, Câmara, e Davi Alcolumbre, Senado.

As mansões, localizadas ao lado de dezenas de outras, na Ministérios, à beira do Lago Paranoá, são a tradução do quanto o Brasil está a anos-luz de enfrentar as distorções e as desigualdades promovidas pelo próprio poder público. E não se trata ali apenas da estrutura física das casas, mas de todo o combo que vem junto. Muitos empregados, abastecimento de dispensas com itens dos mais sofisticados, jatinhos. Quanto custa ao contribuinte

a rotina dos confortos e a vida doméstica de cada autoridade dos primeiros escalões do Governo? Quanto Brasília custa ao Brasil, em privilégios inerentes aos cargos? Só em comida palacianas em 2020, o contribuinte pagou R\$ 1,8 bilhão.

Janeiro começou mais intenso e tenso do que se imaginava. A contaminação pela Covid não recua. Ao contrário, recrudescer na forma como têm morrido pacientes nos estados do Norte, por asfixia. O sistema de saúde colapsou, pelo excesso de pacientes, pelo agravamento de muitos casos e pelo fim do estoque de cilindros de oxigênio. O mês vai fechar superando os 220 mil mortos. E enquanto o presidente da República e o ministro da Saúde, este em processo de queda, batem cabeça sem estratégias para a compra e a aplicação da vacina, a semana começa com uma caricatura do custo Brasília: o consumo de leite condensado pelo Poder Executivo em 2020 consumiu

15 milhões de reais, o que equivale a mais de dois milhões de latinhas. A explicação que circula é a de que o leite condensado é, em grande parte, para o consumo das Forças Armadas.

Depois de muito barulho feito nas redes sociais por conta do carrinho de compras do Executivo federal, começaram a circular também editais levantados de gestões anteriores a Bolsonaro, mostrando que a quantidade já era consumida em governos anteriores. O que teria mudado seria apenas a variação de preços do produto no mercado, entre uma licitação e outra. Coincidência ou não, no mesmo dia em que as latinhas foram assunto, o Portal da Transparência, que publiciza as contas do governo federal, saiu do ar.

MAMATA - A essa altura pouco importa aos brasileiros se o Governo gasta R\$ 15 milhões em leite condensado, R\$ 2,2 milhões em chicletes, R\$ 8,9 milhões em chantilly, R\$ 32,7

milhões em pizza e refrigerante e outras cifras elevadas em amendoim torrado e rapadura. Os valores impressionam, mas os buracos do dinheiro público são sempre mais fundos e levam a sumidouros dos quais a gente não tem ideia. O leite condensado é o meme da vez apenas porque Jair Bolsonaro tem predileção pelo produto. Desde a campanha, adora aparecer comendo pão melado com camadas do doce. E para quem foi eleito com o mantra do “acabou a mamata”, 15 milhões de reais em leite condensado é uma metáfora perfeita, e bem

cara, para desenhar o quanto, no Brasil, não importa quem assuma o poder, continua-se mamando.

No mesmo dia em que redes e imprensa destacam os 15 milhões gastos em 2020 só com o leite condensado para a Presidência, os ministérios e as autarquias, a gente aprende que cada país elege suas prioridades: o governo anunciou o corte de 68,9% da cota de importação de equipamentos e insumos destinados à pesquisa científica, o que afeta diretamente as pesquisas desenvolvidas pelo Instituto Butantan e pela Fio-cruz no combate à pandemia da Covid-19. Ah, e só a título de comparação: 15 milhões equivalem a um valor cinco vezes maior a tudo o que foi destinado no ano ao Inpe para monitorar por satélite a Amazônia, o Pantanal e as áreas florestais de todo o país. As mesas da Esplanada, das penínsulas e dos palácios de Brasília terão sempre prioridade.

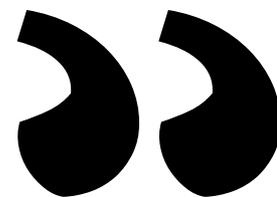
Não importa quem assuma o poder, continua-se mamando

ENTREVISTA

TOM CARDOSO



“Essa mulher de voz doce, aparentemente frágil e do joelho bonitinho era uma mulher.”



■ Escritor e jornalista

O escritor e jornalista Tom Cardoso narrou alguns detalhes que o fizeram escrever “Ninguém Pode com Nara Leão”, biografia de uma das cantoras mais importantes da história da bossa nova. A obra trata da artista como uma mulher naturalmente de vanguarda, com posicionamentos e direções artísticas guiados pelas vontades dela. O título do livro foi retirado de uma correspondência de Glauber Rocha a Cacá Diegues, companheiro da artista. Em cartas do exílio na Europa, ele enaltecia as qualidades da companheira do amigo, referindo-se a ela como se fossem duas em uma só: “Amo Nara Leão. Nara e Narinha. Essa mulher sabe tudo do Brasil 1964. Essa mulher é a primeira mulher brasileira. Essa mulher não tem tempo a perder. Atenção: ninguém pode com Nara Leão”. “Eu estava procurando um título e essa frase do Glauber daria um bom título e tem muito a

ver com a personagem. Essa mulher de voz doce, aparentemente frágil e do joelho bonitinho era uma mulher porreta, que saía de todas as estruturas e estava em toda as vanguardas”, contou em entrevista a Mário Kertész na **Rádio Metrópole**.

NARA LEÃO

O autor falou ainda da origem de Nara Leão, que sempre teve contato com a arte desde cedo. “Com 12 anos, já frequentava cinema e teatro porque o pai era um liberal mesmo. Muito cedo e ela já se enturmava”, comentou.

“Só era lembrada quando tinha que lembrar uma música”

divulgacao

CAMILA CINTRA JÉSSICA SENRA

■ Jornalistas e ex-apresentadoras da Metr pole

Em comemora o aos 21 anos da **Rádio Metr pole**, celebrados neste ano, ex-funcionários e colaboradores da radinha rememoraram os principais momentos da emissora.

Na última semana, foram as vezes de Camila Cintra e Jéssica Senra marcarem presença no est dio da **Metr pole** para falar do legado da rádio em suas vidas. Ao lado de Nardele Gomes, elas bateram um papo com Mário Kertész e citaram a im-

port ncia do aprendizado nos corredores da rádio para a Bahia. “Se você olhar, a Metr pole é uma rádio local, mas têm fatos nacionais que tiveram a participa o da **Metr pole** que a gente nem teve a inten o.   tão ‘boca de confusão’. Aquele episódio de Ciro Gomes, que teve uma repercussão nacional, foi aqui na radinha”, disse Camila Cintra, que foi chefe de reda o da **Metr pole**.

Já Jéssica Senra, que apresentou di-

versos programas na rádio, brinca sobre seu início nos microfones. “Eu comecei no susto. Foi super interessante a experiência e Mário me convidou para vir à noite. Quis que eu continue no programa de noite. Fiz meio dia, fiz da noite. Passava o dia na reda o e não tinha muito o que fazer. Perguntei a Mário se ele não queria me dar nada para fazer. Ele me disse que o povo pedia muito emprego, mas trabalho era a primeira vez”, lembrou.



matheus simoni/metropress

matheus simoni/metropress



**QUE TIPO DE MÁSCARA
VOCÊ PREFERE USAR?**



**A pandemia do coronavírus continua matando.
Faça a escolha certa: use sempre máscara ao sair de
casa. Agente firme, estamos cada vez mais perto
de vencer o coronavírus.**

EVITE AGLOMERAÇÕES. CONTINUE SE CUIDANDO.

